Um presente de natal | Naiana Moraes Gonçalves

A bolsa estava pronta: as roupinhas, as fraldas organizadas e o conjunto de saída de maternidade. Tudo havia sido preparado com muito carinho e amor. Eu tinha pensado em cada detalhe, pois sabia que, naquele dia, veria o rostinho do amor da minha vida e sentiria, pela primeira vez, o calor do seu corpinho nos meus braços.

Era terça-feira, 17 de dezembro, e a chegada do Natal estava próxima. Eu tinha tanta coisa para organizar! Depois de uma viagem de trinta minutos, cheguei ao hospital. Na sala de espera, caminhava de um lado para o outro, tomada pelo nervosismo. Enquanto o tempo passava, eu me recordava do dia em que descobri a gravidez — que surpresa! Lembrava também do chá revelação e da escolha do nome do meu menino: Matheus Leoni, que significa “presente de Deus”, o meu “Leão”. Fui eu mesma quem o escolheu.

Minha família estava ali, dando-me forças, mas eu sentia um medo enorme da dor do parto. Era um frio intenso na barriga. Afinal, o primeiro filho traz um misto de sensações para a gente. Por um instante, quis que aquele momento passasse rápido, mas, no fundo, sabia que, depois daquele dia, eu nunca mais seria a mesma. Eu ganharia um codinome: mamãe do Léo!

O coração estava acelerado, a barriga pesada e os pés bem inchados. Tudo à minha volta parecia cooperar para aquela experiência ímpar. O tamanho da barriga, no entanto, não se comparava ao tamanho

do amor que eu já sentia. E olha que ela era bem grande! Quem me via dizia:

— Deus benza! Que barriga bonita e graúda!

Depois de passar pela recepção, fazer os exames e assinar os termos para a cesariana, fui encaminhada para o centro cirúrgico. Antes, tive um momento de relaxamento na sala da psicóloga. Conversamos, e aquilo me acalmou. Após a medicação, chegou a minha vez.

Mas, antes de entrar na sala de parto, aconteceu algo muito especial. Enquanto eu passava de cadeira de rodas pelo corredor, fui aplaudida por outras grávidas que visitavam o hospital naquele dia. Elas sorriam e diziam:

— Abre alas para a rainha!

— Deus abençoe!

— Já deu tudo certo!

— Deus te dê uma boa hora!

Naquele instante, o medo deu lugar à alegria. Ali, eu conheci a minha verdadeira força. Fui medicada, e o procedimento cirúrgico começou. Por alguns minutos, o efeito dos medicamentos me fez perder a noção de onde estava. Não sentia o meu corpo. Via a luz do foco cirúrgico, o médico e os enfermeiros de forma vaga, com os olhos quase fechados, imersa em um silêncio que pairava sobre a sala. Até que, de repente, um chorinho

agudo tomou conta de todo o ambiente, rompendo o torpor. E o doutor anunciou, em um grito alegre: — Nasceu o Natalino!

O pai entrou assustado, mas logo foi tomado, pela primeira vez, por um grande amor pelo filho, seu primogênito, que carregava o seu primeiro nome. Naquele instante, nasceu também uma mãe.

A bolsa estava pronta para recebê-lo. As roupinhas estavam separadas, as fraldas organizadas e o conjunto de saída de maternidade escolhido com todo cuidado. Eu havia preparado tudo para a chegada dele. Mas o maior presente não estava dentro da bolsa. Naquele 17 de dezembro, antes mesmo de o Natal chegar, Matheus Leoni chegou aos nossos braços. O meu Leão. O meu presente de Deus. O nosso presente de Natal.